

A literatura sai do armário: O luto simbólico e a intolerância familiar em *um milhão de finais felizes* (2018)¹

Yuri Pereira de Amorim²

Silvana Augusta Barbosa Carrijo³

Resumo

A Literatura, através da ficção e da poesia, aborda assuntos intrínsecos à condição humana, apresentados de forma plurissignificativa e humanista. Desse modo, o presente artigo tem como finalidade discorrer sobre a temática de gênero e sexualidade na obra *Um milhão de finais felizes* (2018), de Vitor Martins, mais especificamente, refletir sobre a intolerância que o personagem principal sofre ao ter sua homossexualidade descoberta pelos pais. Além do mais, pretende-se discursar sobre o luto simbólico que a mãe do protagonista enfrenta ao saber que o filho é gay. Para embasar a pesquisa, foram utilizados estudos propostos por Azevedo (2004), Facco (2009), Mott (2002), Kübler-Ross (1985) e outros. Os resultados alcançados foram: contribuição aos estudos literários que discutem questões sobre a (homo)sexualidade; visibilidade às classes marginalizadas; e exposição de como a ficção de Vitor Martins (2018) consegue desenvolver a história de Jonas de forma verossímil e sensível.

Palavras-chave: Literatura. *Um milhão de finais felizes*. Homofobia familiar. Luto simbólico.

THE LITERATURE COMES OUT OF THE CLOSET: THE SYMBOLIC MOURNING AND FAMILY INTOLERANCE IN *UM MILHÃO DE FINAIS FELIZES* (2018)

Abstract

Literature, through fiction and poetry, addresses subjects intrinsic to the human condition, presented in a pluralistic and humanistic way. Therefore, the present article aims to discuss gender and sexuality in Vitor Martins' book *Um milhão de finais felizes* (2018), specifically, to reflect on the main character's intolerance of having his homosexuality discovered by parents. In addition, it is intended to discuss the symbolic mourning that the protagonist's mother faces when she discovers that the son is gay. To support the research, we have used studies proposed by Azevedo (2004), Facco (2009), Mott (2002), Kübler-Ross (1985) and others. The results achieved were: contribution to literary studies that discuss questions about (homo)sexuality; visibility to marginalized classes; and an exposition of how the fiction of Vitor Martins (2018) manages to develop the story of Jonas in a verisimilar and sensitive way.

Keywords: Literature. *Um milhão de finais felizes*. Familiar homophobia. Symbolic Mourning.

1 Trabalho desenvolvido com fomento da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

2 Mestrando em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), da Universidade Federal de Goiás (UFG - Regional Catalão). E-mail: yuriamorim123@hotmail.com

3 Doutorado em Letras e Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail silvana.carrijo@gmail.com

Introdução

A Literatura é um dos campos dos saberes que possibilita ao leitor instantes de reflexões, indagações, reconhecimento de si e do outro por intermédio da ficção e da poesia. Desse modo, a obra literária proporciona ao indivíduo compreensão de temas metafísicos (que atravessam o entendimento humano) e que não são passíveis de lição (AZEVEDO, 2004). Assim, uma das questões que autores contemporâneos têm discutido e abordado de forma frequente é a temática de gênero, identidade e sexualidade. Sob essa perspectiva, o presente texto tem como finalidade discorrer e analisar o modo como a homofobia familiar e o processo de luto simbólico perpassam pela narrativa de Jonas, em *Um milhão de finais felizes*.

Escrita por Vitor Martins⁴ e publicada em 2018 pela editora *Globo alt*, a obra literária selecionada apresenta a história de Jonas, um adolescente que divide o seu tempo entre turnos no trabalho, anotação de ideias para obras literárias em seu caderninho de bolso e escrita de sua primeira história, *Piratas gays*. O romance, narrado pelo personagem principal, retrata a sua dificuldade em ter que lidar com e esconder sua homossexualidade dentro de casa, ambiente que apresenta ao leitor um pai opressor e uma mãe extremamente religiosa.

Para desenvolvimento do artigo, foi utilizada a metodologia descritivo-analítica de caráter interpretativo, ou seja, primeiramente foi realizada a leitura da obra, bem como de aporte teórico diverso; em seguida, após revisão e escolha do referencial, foram recolhidos trechos da narrativa que melhor versassem sobre a temática da homofobia no âmbito familiar e do luto simbólico

⁴ Vitor Martins é um escritor brasileiro de livros para jovens e adultos. Seu primeiro romance, *Quinze dias*, foi publicado em 2017 e também discute a questão de gênero e sexualidade, simultaneamente com a temática de corpo, mais detalhadamente, sobre a gordofobia que o personagem principal é submetido no decorrer da trama.

que os pais de Jonas experimentam ao descobrirem a homossexualidade do filho; na última etapa, foram feitas as análises das passagens coletadas, de modo que a investigação assumisse um caráter também interpretativo.

Em relação à escolha do tema, ele é amparado em três pilares: o primeiro, para expor que a homofobia, tanto na ficção quanto na realidade, é um fator presente ainda na sociedade contemporânea ocidental; o segundo, para manifestar a verossimilhança presente na escrita de Vitor Martins (2018); e o último, para validar que a Literatura é uma área de estudos que oportuniza pesquisas e investigações nos mais diversos setores, sendo um deles, a esfera da homossexualidade.

Dessa forma, o artigo encontra-se organizado em três eixos: no primeiro instante, foi delimitado o referencial teórico, evidenciando como estudos de Azevedo (2004), Cândido (2004), Facco (2009), Alves (2012), Kübler-Ross (1985) e outros contribuem para discussões sobre Literatura, sexualidade e o processo de luto simbólico; em seguida, em correlação com a contribuição teórica, foram feitas as análises do material selecionado; por fim, foi feita uma consideração, apresentando as pautas principais do trabalho e sua importância no meio acadêmico.

1 A literatura e a ficção: o (re) conhecimento do outro e do eu

Diferente dos livros didáticos que apresentam uma linguagem objetiva, sistemática e informativa, os textos literários buscam fazer uso da linguagem subjetiva, por meio de rimas, uso de figuras de linguagens e de jogos de palavras em geral. Dessa maneira, conforme pontua Ricardo Azevedo (2004) em seu artigo *Formação de leitores e razões para a Literatura*:

[...] o discurso poético, o texto literário por definição, pode e deve ser subjetivo; pode inventar palavras; pode transgredir as

normas oficiais da Língua; pode criar ritmos inesperados e explorar sonoridades entre palavras; pode brincar com trocadilhos e duplos sentidos; pode recorrer a metáforas, metonímias, sínédoques e ironias; pode ser simbólico; pode ser propositalmente ambíguo e até mesmo obscuro. Tal tipo de discurso tende à plurissignificação, à conotação, almeja que diferentes leitores possam chegar a diferentes interpretações (AZEVEDO, 2004, p. 3).

Seguindo o raciocínio do referido escritor, a Literatura utiliza-se dos mais diversos recursos estéticos para dar forma ao texto literário, no esforço de alcançar inúmeros leitores, de diferentes maneiras. O teórico supramencionado, em sequência, discute sobre a obrigatoriedade que os textos didáticos possuem no que concerne às atualizações constantes, afinal os conteúdos escolares e o modo de desenvolvê-los estão em constantes modificações, diferente das obras poéticas, que carecem apenas de revisões ortográficas (AZEVEDO, 2004, p. 3-4).

Nesta perspectiva, o texto poético costuma tratar de tramas características à vida humana de forma plurissignificativa e subjetiva, pois os textos informativos, por serem objetivos, evitam discorrer sobre tais assuntos. Em vista disso, a história inventada pode tratar sobre:

[...] as paixões e as emoções humanas; a busca do autoconhecimento; a tentativa de compreender nossa identidade (quem somos); a construção da voz pessoal; as inúmeras dificuldades em interpretar o Outro; as utopias individuais; as utopias coletivas; a mortalidade; a sexualidade (não me refiro à educação sexual, mas à relação sexo-afetiva essencialmente subjetiva, corporal e emocional); [...] a existência de diferentes pontos de vista válidos sobre um mesmo assunto etc (AZEVEDO, 2004, p. 4).

À vista da afirmação de Azevedo (2004) e das temáticas que costumam ser vistas no âmbito literário, é viável realizar uma relação entre as ideias do estudioso e as de Cândido (2004), apresentadas no texto *O direito à literatura*, no qual ele discute a concepção de literatura humanizadora. Cândido (2004) entende por humanização:

[...] o processo que confirma no homem traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de pensar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CÂNDIDO, 2004, p. 180).

Portanto, o leitor, em contato com o discurso poético e o universo ficcional, desenvolve a compreensão de temas sociais e pessoais, ampliando sua empatia pelo outro e conhecendo a si mesmo e a seus sentimentos, até então desconhecidos e/ou não compreendidos a contento. Para além disso:

A ficção, a literatura, fazem mais do que ampliar as nossas perspectivas, ao mapearem a realidade, anunciando territórios inexplorados e desconhecidos; a ficção e a literatura nos permitem viver o que de outro modo talvez não fosse possível, ou seja, nos permitem ser outros (os personagens) e adquirir, ainda que momentaneamente, a perspectiva destes outros — para, adiante, termos uma chance de cumprir o primado categórico de todas as éticas, de tão difícil realização: ser o que se é (BERNARDO, 1999, p. 10).

Desta forma, a literatura consegue conduzir o indivíduo a momentos de catarse, criando inúmeras situações que ocasionam a percepção do lugar do outro e de suas dores. À luz disso, tendo compreendido a importância do texto literário no processo de humanização do sujeito, faz-se necessário dar início às teorias que servirão de base para análise da obra.

2 A morte do filho simbólico: a experiência do luto na descoberta da homossexualidade

“Creio que deveríamos criar o hábito de pensar na morte e no morrer, de vez em quando, antes que tenhamos de nos defrontar com eles na vida”.

(Elizabeth Kubler-Ross)

A morte, ainda na sociedade contemporânea, por ser um assunto delicado e doloroso, continua sendo tratada na perspectiva do tabu e da restrição. No entanto, a literatura, como um bom remédio, consegue fechar feridas abertas pela incerteza e pela incompreensão, ao tratar de tópicos referentes às circunstâncias da realidade humana. Partindo desta lógica, o presente tópico propõe-se a refletir sobre o luto simbólico e os estágios enfrentados pelos indivíduos diante da morte.

Sob esse ponto de vista, Alves (2012), no texto *A morte do filho idealizado*, esclarece dois tipos de morte: “concreta e simbólica. A morte concreta é quando uma pessoa morre e desaparece para sempre. A morte simbólica, ou morte em vida, são rupturas que ocorrem durante a vida do ser humano. Essas rupturas deflagram o mesmo processo de luto da morte concreta” (ALVES, 2012, p. 90). Neste artigo, o foco será voltado à esfera da morte simbólica, pois é o processo vivenciado pela mãe de Jonas, em *Um milhão de finais felizes* (2018), quando descobre que o filho é gay.

Alves dá prosseguimento a seu estudo, exibindo alguns exemplos de morte simbólica: a separação entre casais, as deformidades e o surgimento de doenças crônicas ao longo da vida (ALVES, 2012, p. 90). De acordo com a pesquisadora:

A morte do filho idealizado pode acontecer a qualquer momento da vida. ao nascer, caso tenha algum tipo de deficiência física, sensorial e/ou mental imediatamente percebida; durante o desenvolvimento, quando as deficiências físicas, sensorial e/ou mental tornam-se evidentes; ao nascer ou durante o desenvolvimento, ao surgirem doenças crônicas, graves e/ou estigmatizadas; [...] Quando morre o filho idealizado, surge a dor, a angústia, o desespero, o medo, a tristeza: o luto. O filho está lá! É outro, completamente diferente do que foi desejado, mas está lá [...] (ALVES, 2012, p. 90-91).

À sombra dessa noção, os pais idealizam os filhos desde a infância, criando planos e um futuro para eles, entretanto, quando as expectativas da

família não são correspondidas, elas passam pelo processo de luto simbólico, situação perceptível em casos nos quais o adolescente exterioriza a homossexualidade para seus parentes. Em vista disso, Modesto (2015) reconhece que quando os pais descobrem ou precisam lidar com a homossexualidade dos filhos, “é como se aquele filho querido desse lugar a outro, estranho, desconhecido... Quando você sabe que tem um filho gay, uma filha lésbica, passa por um período comparável ao luto” (apud BARR; ROSA; SOUZA, 2017, p. 72).

Dessa forma, as famílias que precisam encarar a homossexualidade dos filhos, passam por alguns estágios de luto. Elisabeth Kübler-Ross (1985), em sua obra *Sobre a morte e o morrer*, aponta cinco etapas de luto apresentadas pelos pacientes e às vezes pela família, frente à morte. São elas: a negação, a raiva, a barganha, a depressão (reativa e preparatória), e por fim, a aceitação. Kübler-Ross (1985, p. 145) alega que “tais estágios terão duração variável, um substituirá o outro ou se encontrarão, às vezes, lado a lado”. Logo, as fases variam e se alternam de acordo com cada paciente/familiar, existindo ou não a possibilidade de que eles passem por todos eles. Para efetivação do presente trabalho, é interessante conceituar três dos cinco momentos: a negação, a barganha e a aceitação.

A negação, partindo da percepção da psiquiatra, “funciona como um pára-choque depois de notícias esperadas e chocantes, deixando que o paciente se recupere com o tempo, mobilizando outras medidas menos radicais” (KÜBLER-ROSS; 1985, p. 50), ou seja, a negação é uma conduta de defesa face a uma notícia difícil, e o sujeito precisa passar por ela para se recuperar do abalo inicial.

Tendo entendido esse estágio, é essencial constituir uma análise, expondo como a mãe do protagonista, Cristina, reage e passa pelo processo de negação ao saber que o filho é gay. Ao esquecer o celular no carro do namorado, Jonas, na porta

de casa, grita para que Arthur (seu companheiro) espere; quando ele vai até o veículo e recebe o telefone, os dois se beijam e se despedem. Ao entrar dentro de sua residência, o personagem é recebido e surpreendido por gritos, xingamentos homofóbicos e um tapa do pai. Já o comportamento da mãe ao descobrir que Jonas é homossexual se dá na seguinte direção:

O silêncio é quebrado pelo barulho da minha mãe chorando. Ela não consegue mais se conter e se joga no chão, com o rosto enterrado no meio das mãos, sussurrando algo que imagino ser uma oração. Mas não consigo escutar suas palavras porque elas são cortadas pelo som do seu choro. E esse som rasga o meu coração ao meio (MARTINS, 2018, p. 265).

A conduta de Cristina, ao orar e chorar, é de negação, pois ao ver que o filho sente atração por pessoas do mesmo sexo, ela recorre à fé para refletir sobre os acontecimentos. Instantes depois, ela diz: “— Jonas, eu estou muito desapontada com você. Mas o que eu sinto não deve nem chegar perto do que Deus está sentindo” (MARTINS, 2018, p. 268). Aqui, a mãe utiliza Deus como um escudo de proteção e arma de defesa, pois ela e os seus dogmas vão de encontro às relações homoafetivas, conseqüentemente, ela sente que Jonas está pecando para com Deus e para com a família.

Retornando aos pensamentos de Kübler-Ross (1985, p. 51), “a negação é uma defesa temporária, sendo logo substituída por uma aceitação parcial”. No caso de Cristina, essa aceitação parcial ocorre em consonância com outra fase do luto, a barganha. Antes de estipular essa etapa, é relevante dizer que a mãe do personagem, após consentir com o marido na expulsão do filho de casa, põe em evidência o luto simbólico pela homossexualidade do filho.

Esclarecida a ideia de negação, é fundamental que seja entendida a concepção de barganha, antes de uma nova análise. Para Kübler-Ross (1985, p. 92-93) “a barganha, na realidade, é uma tentativa

de adiamento; [...] A maioria das barganhas são feitas com Deus, são mantidas geralmente em segredo, ditas nas entrelinhas ou no confessionário do capelão”. Em outras palavras, a barganha é uma tentativa de prolongamento da morte, na qual o paciente/familiar tenta realizar uma troca (geralmente com Deus) em busca de um maior tempo com o filho idealizado ou com o enfermo. No livro *Um milhão de finais felizes* (2018), a barganha ficará nítida em dois momentos, quando Jonas é abandonado pelos pais e quando a mãe liga para ele, algum tempo depois.

No meio do conflito entre Jonas e os pais, ele solicita aos dois para que tenham calma, implorando para que a discussão seja feita em outro momento, quando todos estiverem pacientes e de cabeça fria, todavia, ele é atendido da seguinte maneira:

[...] — Não vai ter conversinha amanhã. Porque você vai embora dessa casa agora — meu pai volta a falar.

Meu coração para por um segundo, porque os acontecimentos dessa noite não param de piorar.

— Você está me expulsando de casa? — eu pergunto, ainda incrédulo. — Mãe! A senhora vai deixar o pai fazer isso? Minha voz sai aguda. Eu estou desesperado.

— Eu vou orar por você — ela diz, pegando os óculos do chão e entregando para mim.

Minha mãe me dá as costas, entra no quarto, fecha a porta e volta a chorar (MARTINS, 2018, p. 268).

Diante dessa passagem, pode-se destacar a alternância do luto em duas nuances, a da negação, quando a mãe volta a chorar, deixando Jonas sozinho, e a da barganha, no momento em que ela se pronuncia, informando que irá orar pelo filho. Quando Cristina se manifesta, a segunda fase vem à tona, afinal, ela legitima a expulsão do protagonista de casa, no entanto, justifica sua atitude, quer dizer, ela o manda para fora, em troca, rezará

por ele. A atitude dela possibilita o entendimento de que, ao conversar e negociar com Deus, ela chega à conclusão de que, como Jonas foge à sua idealização, ele precisa ser excluído de seu lar, para voltar a ser quem era.

Após a expulsão de casa, Jonas muda-se para o apartamento de Karina (amiga e colega de emprego do protagonista). Certa noite, três semanas depois, ele recebe uma ligação da mãe, sem saber o que fazer, acaba atendendo. Cristina questiona se o filho está bem e a respeito de seu serviço. Assim se desenrola o final da conversa:

[...] — O trabalho está bem. É só isso que a senhora quer saber? — pergunto, impaciente.

Ela fica em silêncio por mais um tempo, e eu também não digo mais nada.

— Vou continuar orando por você — ela diz finalmente.

E isso é a gota d'água.

— Muito obrigado, mãe. MUITÍSSIMO obrigado pelas orações — eu respondo com toda a ironia que sou capaz de colocar no meu tom de voz. — Boa noite (MARTINS, 2018, p. 292-293).

O diálogo ocorrido durante a ligação faz com que a barganha aflore novamente. Nesta situação, ao dizer que continua orando para o filho, Cristina, nas entrelinhas de seu discurso, tem fé de que ele possa voltar a ser heterossexual. Por outro lado, Jonas demonstra grande indignação, afinal, a mãe ignora o estado atual dele para lidar com o luto de seu antigo filho. Neste segundo momento, mesmo não querendo acreditar na sexualidade do filho, ela já dispõe de uma aceitação parcial, já que fez uma ligação ao garoto.

Diante disso, ao ter desenvolvido reflexões sobre a barganha, faz-se pertinente assinalar a última parte do luto sofrido pela mãe do narrador protagonista, a aceitação. Esse estágio “é quase

uma fuga de sentimentos. É como se a dor tivesse esvanecido, a luta tivesse cessado e fosse chegado o momento de ‘repouso derradeiro antes da longa viagem’” (KÜBLER-ROSS, 1985, p. 120), ou melhor, a aceitação é a ocasião em que a dor e a raiva já não estão mais presentes, sendo substituídas pela assimilação de que o filho/paciente não voltará ao estado anterior, ou seja, não retornará a ser quem era antes da doença, da idealização.

Na ficção de Vitor Martins (2018), a mãe passará por essa última etapa do luto quase ao final da obra, quando na ceia de natal, elaborada por Jonas, seus amigos e namorado, Cristina comparece, pedindo perdão ao filho, em um relato emocionante:

[...] — Olha, Jonas — ela finalmente diz. — Isso tudo ainda é difícil pra mim. É difícil de entender, é difícil de... aceitar.

Suas palavras tímidas ainda têm força o bastante para cortar meu coração no meio.

— Mas eu estou orando — ela continua, e eu me preparo para ouvir pela milésima vez que ela está orando por mim. — Estou orando por mim. Pedindo a Deus pra me fazer entender o que está acontecendo. Você é meu filho e, se isso tudo aconteceu,

existe um propósito. Eu ainda não entendo qual caminho devo seguir, eu ainda me arrependo do que fizemos com você. Mas, ao mesmo tempo, meu coração está muito dividido. E eu peço a Deus todos os dias por uma resposta, porque eu sinto muito a sua falta. E espero que um dia a gente consiga se perdoar.

Minha mãe está chorando, e eu também. De todas as coisas que poderiam trazer minha mãe até aqui, um pedido de perdão nem passava pela minha cabeça (MARTINS, 2018, p. 346-347).

Neste trecho, a mãe deixa de lado a negação, a barganha e tenta começar a entender o novo filho, constatando que a homossexualidade dele é fixa e imutável. É imprescindível salientar que, embora ela tenha aceitado o filho, coloca-o em uma posição de inferioridade, pois conforme explicação carregada de maestria de Lúcia Facco

(2009, p. 30), no exemplar *Era uma vez um casal* diferente: a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil, termos como ‘aceitação’ e ‘tolerância’ “denotam a manutenção de uma relação desigual. Só se ‘tolera’ ou se ‘aceita’ algo, em princípio, passível de ser considerado ‘intolerável’ ou ‘inaceitável’”.

Em conformidade com esse raciocínio, a sociedade precisa respeitar as sexualidades que fogem ao padrão heteronormativo, pois colocar alguém em uma situação de tolerância é o mesmo que enquadrá-lo em uma categoria de inferioridade.

3 Não escolhemos nossa sexualidade, mas podemos escolher quem é a nossa família: a homofobia familiar

Não são raros os casos em que sujeitos LGBTQs+ (lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, quers e mais) são expulsos de casa, espancados e até mortos, ao terem a sexualidade/identidade descoberta ou exposta. Indivíduos esses que vivem às margens de uma sociedade altamente intolerante, precisando lutar e combater o preconceito constantemente.

Uma das formas pelas quais esse grupo tem recebido notoriedade é através de obras literárias que colocam em cena as vozes dos mais diversos personagens, com as mais variadas sexualidades, representando, mediante uso da ficção, aflições, amores e conflitos de uma categoria que comumente vive um processo de exclusão. Dessa maneira, esse tópico dará enfoque à homofobia familiar vivenciada pelo personagem narrador em *Um milhão de finais felizes* (2018).

Para melhor desenvolvimento das análises, previamente será exposta a concepção de homofobia e o seu impacto, quando sucedida no contexto familiar. Borrilo (2010, p. 34), no livro *Homofobia: história e crítica de um preconceito*, afirma que a homofobia é uma “hostilidade geral psicológica e

social contra aqueles que supostamente, sentem desejos ou têm práticas sexuais com indivíduos de seu próprio sexo”. Em um momento anterior, o autor diz:

A homofobia é o medo de que a valorização dessa identidade seja reconhecida; ela se manifesta, em outros aspectos, pela angústia de ver desaparecer a fronteira e a hierarquia da ordem heterossexual. Ela se exprime na vida cotidiana, por injúrias e por insultos, mas também nos textos de professores e de especialistas ou no decorrer de debates públicos (BORRILLO, 2010, p. 17).

À luz dessa concepção, a homofobia é o medo e o ódio voltados àqueles que se envolvem com pessoas do mesmo sexo, ou melhor, um receio de que essa identidade passe a ser admitida e reconhecida dentro da sociedade, já que ela foi e continua sendo negada por muitas instâncias da sociedade, desde a época da Inquisição. A prática da homofobia, como vista na citação anterior, é exteriorizada de diversos modos: insultos, uso de termos pejorativos, violência psíquica e até mesmo por agressões que regularmente levam à morte dos indivíduos LGBTQs+. Segundo Mott (2002, p. 146), ao falar sobre a homossexualidade no texto *Por que os homossexuais são os mais odiados dentre todas as minorias*, “durante centenas de gerações, nossos antepassados ouviram nos púlpitos e confessionários que a homossexualidade era o pecado que mais provoca a ira divina”. Ainda valendo-se dos estudos de Mott (2002), é necessário entender que:

Enquanto para os membros das demais minorias sociais, a família constitui o principal grupo de apoio no enfrentamento da discriminação praticada pela sociedade global, no caso dos homossexuais é no próprio lar onde a opressão e a intolerância fazem-se sentir mais fortes (MOTT, 2002, p. 147).

Logo, em concordância com Facco (2009, p. 75) “para os jovens homossexuais a realidade costuma ser bem pior. A família é a primeira a discriminá-los e repudiá-los”. Em vista disso, para

as outras minorias, ainda que a realidade seja difícil, eles normalmente possuem apoio familiar, sendo respeitados e ensinados a terem orgulho de suas diferenças. Infelizmente, o mesmo não pode ser dito para os jovens LGBTQs+, para eles:

[...] a realidade é tragicamente oposta: pais e mães repetem o refrão popular - “prefiro um filho morto do que viado!”, ou “antes uma filha puta do que sapatão!”. Muitos são os registros de jovens homossexuais que sofreram graves constrangimentos e violência psíquica e física dentro do próprio lar quando foram descobertos: insultos, agressões, tratamentos compulsórios destinados à “cura” da sua orientação sexual, expulsão de casa e até casos extremos de execução (MOTT, 2002, p. 148).

Consciente das práticas homofóbicas no âmbito familiar e de suas consequências aos filhos acometidos por ela, é necessário desenvolver as análises, retratando como Jonas é afetado pelas atitudes hostis do pai (Alberto), antes e quando o mesmo descobre a homossexualidade do adolescente.

As ponderações a respeito da homofobia efetivada pelo pai do protagonista serão divididas em três momentos: o primeiro, expondo o aspecto da homofobia predominantemente verbal, o segundo, mostrando uma homofobia de cunho psicológico; e o último, manifestando a homofobia exercida de forma física.

Jonas, certo dia, após terminar o turno no trabalho, vai embora com Danilo (seu melhor amigo). Quando os dois estão no metrô, voltando para casa, Jonas, no ombro de Dan, rememora um fato ocorrido na época de sua formatura do ensino médio:

[...] Estávamos perto da formatura do terceiro ano e eu tive uma discussão feia com meu pai porque comprei uma gravata lilás e ele não queria me deixar usar aquela “cor de viadinho”. Danilo sempre foi muito bom para escutar, mas, na cabeça dele, o comportamento do meu pai não fazia o menor sentido. Provavelmente porque os pais dele são muito diferentes dos meus (MARTINS, 2018, p. 120).

Ao ter essa breve recordação, o protagonista exibe alguns traços característicos da personalidade de Alberto, um homem machista e com condutas homofóbicas. Sob essa perspectiva, quando ele diz ao filho para não usar lilás, por ser uma “cor de viadinho”, ele não só utiliza um termo pejorativo para tratar os homossexuais masculinos, como coloca a cor lilás na esfera biológica, estabelecendo cores específicas para homens e para mulheres. Fernando Filho (2011), ao discutir sobre a cultura homofóbica na obra *Psicologia e diversidade sexual: desafios para uma sociedade de direitos*, no item “Apontamentos para uma psicologia contra-homofóbica”, diz:

[...] todos, hetero, bi ou homossexuais se construíram em oposição aquilo que em nossa cultura é considerado coisa de “veado”, de “bicha louca”, de “sapatão”, de “lésbica” ou de “giletão”. Nossos pais ou aquele@s responsáveis por nós nos diziam: Minha filha, não vai jogar bola não, pois isso é coisa de homem. Vai que ela ‘vira’ sapatão!; ou então: “Menino não chora, porque isso é coisa de veadinho! Homem macho não chora!” (FILHO, 2011, p.53).

Acompanhando a racionalidade do teórico supracitado, na sociedade ocidental, todos, independentemente da sexualidade e/ou identidade, são constituídos nas diretrizes heterossexuais, logo, não é incomum ouvir que ‘meninos vestem azul’ e ‘meninas vestem rosa’. Neste caso, quando o pai de Jonas tenta impedi-lo de utilizar a cor lilás, empregando expressões insultuosas aos gays, fica nítido que ele foi criado e ensinado a viver em uma cultura que repudia as relações homoafetivas. Para um entendimento mais satisfatório:

[...] a homossexualidade não designa apenas uma classe de indivíduos definidos por preferências e práticas sexuais, mas também um conjunto de processos de “sujeição” que são tantos coletivos quanto individuais, na medida em que uma estrutura comum de inferiorização está em ação e que tem ainda mais força porquanto é a mesma para todos, e, no entanto, sempre específica a cada indivíduo que pode até crer, num dado momento da vida, que é o único a ser vítima disso (ERIBON, 2008, p. 78).

Em outras palavras, a homossexualidade não está ligada apenas às práticas sexuais entre sujeitos do mesmo sexo, mais do que isso, ela é uma sexualidade repetidamente submetida a procedimentos de sujeição e inferiorização (coletivas e individuais), por parte de uma cultura hegemonicamente heteronormativa. Por exemplo, quando o protagonista é censurado por Alberto ao querer usar uma determinada cor de gravata, ele passou por uma experiência individual, porém, ao mesmo tempo, ela pode ser coletiva, já que não é atípico ouvir de muitos pais heterossexuais que ‘homens não utilizam rosa, pois é cor de veado e/ou de mulher’.

Ao ter explorado a homofobia de cunho verbal, pode-se agora avaliar a de caráter psicológico. Jonas, um dia após ter saído com o namorado, ao acordar de manhã e se organizar para o trabalho, encontra o pai à sua espera, na sala da família. Os dois começam uma discussão, motivada pela demora do narrador em ter voltado para casa na noite anterior, divergência que inclusive acontece em capítulo antecedente a esse episódio:

[...] — Eu não sei mais o que fazer com você, Jonas. Eu não sei. Eu só queria um filho normal, pra assistir futebol comigo, pra aprender a dirigir, pra arrumar um emprego decente e não viver uma vida de merda.

Eu abaixo a cabeça, porque não consigo olhar nos olhos cruéis dele. Sinto um gosto amargo na boca e o cheiro do perfume dele só me traz lembranças ruins.

— Vai lá. Já vi que não adianta mais falar, mas vou dizer mais uma vez. Ou você entra na linha ou você está fora. E eu já te adianto que o mundo lá fora é muito, muito pior (MARTINS, 2018, p. 173).

Neste conflito, há mais uma demonstração de homofobia por parte de Alberto, quando ele sugere, de forma subjetiva, que o filho não seja normal. Outro traço indicativo de opressão refere-

se ao jogo de intimidações, vivenciado pelo filho no final do desentendimento, quando o pai impõe que ele ‘entre na linha’ para não ser expulso de casa. Não foi necessário que Jonas assumisse sua homossexualidade, no entanto, ele precisou driblá-la para que a confusão não tomasse um rumo pior, uma vez que o discurso do pai deixou implícito que ele soubesse que o filho era gay. Passamani (2009, p. 110), escritor do exemplar *O arco-íris (des) coberto*, explicita que “muitas vezes é estratégico manejar a homossexualidade como uma identidade discreta, não a negando, mas em algum momento, encobrindo-a para driblar a homofobia”. No caso específico, ao ocultar sua sexualidade, Jonas não ficou isento de uma repressão, todavia, ela não ocorreu de forma física, somente por intermédio de ameaças e violência mental.

Agora, ao ter retratado a homofobia psíquica na vida de Jonas, as análises irão ao encontro da homofobia física aturada por ele. Alberto, no dia em que testemunhou o filho beijando Arthur, além de lançar injúrias ao garoto (que clamava por calma), acabou desferindo um tapa no rosto dele:

[...] — Pai — eu digo, respirando fundo. — Vamos descansar, amanhã a gente conversa melhor, com a cabeça fria. A gente senta junto, só nós três, uma conversa em família.

— FAMÍLIA? — ele grita — Você quer falar de família agora? Essa família aqui tem vergonha de você. Eu não te quero como família. Sua bicha!

E ao som da última ofensa, sua mão desce com força no meu rosto. Não é um tapa barulhento. É silencioso e forte, com a intenção de causar dor. Com o impacto, os óculos saem do meu rosto e caem no canto da sala. Sinto o rosto queimando no lugar onde sua mão me acertou. Tenho vontade de revidar, mas sei que bater no meu próprio pai não ajudaria em nada nessa situação (MARTINS, 2018, p. 266-267).

O adolescente, ao ser violentado fisicamente pelo pai oferece aos leitores o momento de (re)

conhecimento da experiência do outro e de seus sofrimentos, quer dizer, o conflito suscita em alguns indivíduos a catarse, ocasião em que há um descarregamento de sentimentos, tais como a raiva (em relação ao comportamento de Alberto), a tristeza, a compaixão e outros. Além do mais, essa tensão, mesmo que fictícia, reflete a realidade de muitos LGBTQs+, que diariamente são espancados em virtude do preconceito e da rejeição.

Desse modo, segundo Sánchez (2009, p.57), se os pais rejeitam os filhos “tornam-se cúmplices de uma sociedade ignorante e cheia de medos e preconceitos”, ou seja, quando os pais contribuem para a proliferação da homofobia, independente da forma, deixam de agir como defensores dos filhos e passam a compactuar com as práticas de discriminação.

Em *Um milhão de finais felizes* (2018), o pai de Jonas, diferente da mãe, que passou por alguns estágios de luto para começar a tentar entender e respeitar o novo filho, permaneceu imutável ao decorrer da narrativa, rejeitando a sexualidade do filho até o fim. Contudo, ele possibilitou a Jonas a compreensão de que, diferente da sexualidade, as famílias podem ser escolhidas: O adolescente, ao ser violentado fisicamente pelo pai oferece aos leitores o momento de (re)conhecimento da experiência do outro e de seus sofrimentos, quer dizer, o conflito suscita em alguns indivíduos a catarse, ocasião em que há um descarregamento de sentimentos, tais como a raiva (em relação ao comportamento de Alberto), a tristeza, a compaixão e outros. Além do mais, essa tensão, mesmo que fictícia, reflete a realidade de muitos LGBTQs+, que diariamente são espancados em virtude do preconceito e da rejeição.

Desse modo, segundo Sánchez (2009, p.57), se os pais rejeitam os filhos “tornam-se cúmplices de uma sociedade ignorante e cheia de medos e preconceitos”, ou seja, quando os pais contribuem para a proliferação da homofobia, independente

da forma, deixam de agir como defensores dos filhos e passam a compactuar com as práticas de discriminação.

Em *Um milhão de finais felizes* (2018), o pai de Jonas, diferente da mãe, que passou por alguns estágios de luto para começar a tentar entender e respeitar o novo filho, permaneceu imutável ao decorrer da narrativa, rejeitando a sexualidade do filho até o fim. Contudo, ele possibilitou a Jonas a compreensão de que, diferente da sexualidade, as famílias podem ser escolhidas:

As pessoas sempre dizem que ‘a família é a nossa base’ em entrevistas na televisão e legendas de fotos no Instagram. Eu nunca acreditei nisso até perder a minha. Perder a minha base foi um momento triste que vai sempre fazer parte de quem eu sou como pessoa. Mas construir uma base nova tem sido uma das experiências mais importantes que já vivi (MARTINS, 2018, p. 348, grifos nossos).

Perante essa citação, a narrativa é concluída com Jonas tendo um final feliz, ainda que sua trajetória tenha sido carregada de intolerância familiar. Ao ser ‘expulso do armário’, ele descobriu, da pior maneira possível, que guardava um milhão de finais felizes.

Considerações finais

Com a concretização das análises apresentadas neste artigo, utilizando como alicerce a obra de Vitor Martins, *Um milhão de finais felizes* (2018), e referenciais diversos sobre a temática do luto simbólico, da homofobia e da relevância do texto fictício na humanização do sujeito leitor, foi possível comprovar que, através da literatura, o indivíduo pode se (re)encontrar em meio ao universo da fantasia, da ficção e da poesia, passando por um processo de purificação, no que diz respeito ao plano da identificação.

Além disso, o sujeito, em contato com o texto literário, passa a ter conhecimento de realidades até então desconhecidas. No caso do romance, foi

proporcionado um vislumbre verossímil da vida de muitos sujeitos LGBTQs+, no que concerne à homofobia familiar experimentada e vivenciada por eles. Nesse sentido, para melhor compreensão da importância da literatura na vida do ser humano, Azevedo (2016), no artigo *Duas palavras sobre ficção, utopia e literatura*, explica:

[...] Todos nós, seres humanos, já passamos por maus bocados, tivemos nossos desejos contrariados, tivemos que nos conformar ou, mesmo, desistir de um sonho. Ao encontrar esse assunto na poesia, o leitor tem a oportunidade de rever, repensar ou redescrever a si mesmo sua experiência de vida e seus próprios sentimentos e, ao mesmo tempo, perceber que tais sensações e experiências não são apenas suas mas, sim, são humanas e relativas a todos nós (AZEVEDO, 2016, p. 6).

Portanto, recuperando o entendimento do autor, a literatura faz com que o ser humano perceba que seus confrontos não são individuais, conseqüentemente, ele passa a ter empatia por sensações e sentimentos alheios. Nesta investigação, o texto literário foi significativo para sustentar a justificativa e alçar (progressivamente) os resultados, sendo eles: validação de que o campo literário proporciona ao indivíduo e aos pesquisadores estudos e ponderações sobre a homoafetividade; notoriedade à literatura de Martins (2018), que desenvolve personagens complexos, sensíveis e próximos da realidade e, visibilidade aos LGBTQs+, comunidade demasiadamente marginalizada e estereotipada.

Ademais, ao ter alcançado os objetivos pretendidos no início deste trabalho, ele se torna elemento pertinente para o meio acadêmico, já que proporciona acessibilidade aos estudos de gênero e sexualidade, além de conceder observações sobre as conseqüências da homofobia.

Referências

ALVES, Elaine. A morte do filho idealizado. *Revista Mundo da Saúde*, [s.l.], v.36, n.1, p.90-97, jan-mar. 2012. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/mundo_saude/morte_filho_idealizado.pdf. Acesso em: 07 maio 2019.

AZEVEDO, Ricardo. *Formação de leitores e razões para a literatura*. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Formacao-de-leitores.pdf>. Acesso em: 03 maio 2019.

_____. *Duas palavras sobre ficção, utopia e literatura*. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://bibliotecaviva.org.br/wp-content/uploads/2016/12/2016-Fic%C3%A7%C3%A3o-utopia-e-literatura-1.pdf>. Acesso em: 10 maio 2019.

BARR, Alberto; ROSA, Abner; SOUZA, Lívia. O luto dos pais na descoberta da homossexualidade dos filhos. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) - Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/61047.pdf>. Acesso em: 05 maio 2019.

BERNARDO, Gustavo. O conceito de literatura, 1999. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/19700289/conceito-de-literatura>. Acesso em: 03 maio 2019.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In:_____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Tradução: Procopio Abreu. 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008. 455 p. v. 1.

FACCO, Lúcia. Era uma vez um casal diferente: a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil. 1. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2009. 295 p. v. 1.

FILHO, Fernando. A prática psicológica e a sexualidade como categoria de subjetivação: apontamentos para uma psicologia contra-homofóbica. In: UZIEL, Anna Paula et al. Psicologia e diversidade sexual: desafios para uma sociedade de direitos. 1. ed. Brasília: Liberdade de Expressão, 2011. cap. 2, p. 25-66. v. 1. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2011/05/Diversidade_Sexual_-_Final.pdf. Acesso em: 15 maio 2019.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. Sobre a morte e o morrer. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985. 290 p. v. 1.

Submissão: 4 de junho

Aceite: 24 de julho

